



João Paim Vieira

Ferraria mais uma vez

Lá vem eles outra vez a tentarem “melhorar” a Ferraria depois de um registo desastroso de milhões de euros desbaratados pelos sucessivos governos socialistas que destruíram muito mais do que aquilo que ficou, pouco, feio e mau.

A reunião que existiu nos Ginetes em que, diga-se a verdade, todos puderam exprimir as suas opiniões, pelos vistos já foi esquecida.

O que se considera mínimo nos direitos de acesso da população residente nos Açores e principalmente nos Ginetes que ali tem a sua única zona balnear é acesso total e sem barreiras físicas ou outras, sem pagamentos de parques ou entradas (que aliás são claramente ilegais, pois o mar não pode ser comercializado não só na Ferraria mas em todos os Açores).

Querem fazer o tal projeto com mais um parque de estacionamento no miradouro para os turistas, mas qual é o interesse disso? Eles vão descer a pé?

Ou vão de burro que era uma das sugestões na reunião ou de teleférico outra engraçada e barata.

Ou não vão de todo se a paciência se esgotar, a deles e a nossa.

Este tipo de revivalismo dos projetos socialistas é perigoso porque pode levar as pessoas a pensarem que ficou tudo na mesma, nos compadrios para salvar empresas de amigos etc. e logo fazer regressar a oposição violenta a mais asneiras naquele local onde a única coisa de jeito que ficou de mais de 6 milhões estourados foi o bom trilha do pico das Camarinhas que só deve ter custado uns milhares.

E tem estado muito bem a Ferraria tirando um trabalho de escavadora algo deficiente (e agressivo para mais num “parque natural protegido” onde continuo a ver bandos de turistas a pisotear a pequena pseudo cratera) e também terem tirado as escadas partidas pelos temporais há meses sem as repor mas claro isso só é um problema para quem tem problemas de locomoção que não estão certamente nos interesses de quem só pensa nos turistas e não nos Açorianos.

Quem quer vai, há dias de parque e poça cheios não muitos, mas todos tem sido bem recebidos por agora e claro, quem não quer, que não vá é o que acontece na maioria dos dias do ano com chuva, vento, inverno, ondas, águas-vivas e caravelas e outras coisas normais.

Os apetites do turismo esbanjador de milhões (nossos e de entregas ilegais segundo o Tribunal de Contas nacional) numa falsa promoção de muitas coisas que só existem na imaginação desejosa deles que se moderem ou voltamos a rever e enviar desta vez o dossier da queixa na CE e as ações e providências cautelares para Tribunal e desta vez há dinheiro para isso.

E não se percebe mesmo que tenham tempo para isto quando nem conseguem controlar o covid e a vacinação menos ainda os casamentos na Terceira e a preocupação é como vão os turistas usufruir da Ferraria?

E finalmente para que fique bem claro que, se forem em frente com esta tolice de mais meio milhão atrás dos seis milhões socialistas deitados ao mar, nem pensem em tentar cortar o acesso, expediente hipócrita que foi utilizado para tentar impedir as entradas nas últimas obras mas a que a população dos Ginetes e de S. Miguel soube dar uma resposta mais que suficiente e nessa altura a um governo de maioria absoluta.



Nuno Costa Santos

Conversar é o Verbo Decisivo

O que é, hoje, a açorianidade? Ninguém sabe ao certo. O que não surpreende. Há cepticismo em relação ao desenho do sentimento intuído e teorizado por Vitorino Nemésio. Faz sentido essa reserva. Que no fundo, sem o saber, é um aborrecimento e uma zanga de quem precisa de novos vocábulos para o definir. Novos tempos pedem novos dicionários. Sem esquecer o primeiro. Porque Nemésio, embalado por um misto de saudade e distanciamento, soube mesmo captar um arquipélago. Com a argúcia e o risco de quem sabe agrupar o que é agrupável e diferenciar o que é diferenciável. Existe uma grota comum e o escritor soube apontá-la com os seus termos.

Foi, com certeza, utópico no seu gesto. Mas nenhuma comunidade se desenha sem utopia. Apontar o mapa e assinalar a separação torna-se um exercício mais fácil. Mais “inteligente”. Mais prático. Porque é uma evidência que há distância e não só a aérea e a marítima. Nunca houve um movimento conjunto – conjunto mesmo – para juntar as ilhas açorianas. As passagens: caras. As conversas: divisionistas. Separar: o verbo. Os andamentos mudam-se. Há quem prefira a via revolucionária e há quem prefira a do progresso sem alarido. De uma forma que pode ser a mais subtil, a menos evidente. Aos poucos emerge o verbo falar. Em toda a gente – a baixa do preço das passagens provocou circulação. Na cultura. Há, entre as artistas, um vento que cresce e se quer fazer ventania.

É neste movimento que se funda o Azores 2027 - projecto de candidatura de Ponta Delgada/Açores a Capital Europeia da Cultura. Que tem trabalhado pela aproximação entre os açorianos e pela escavação de novos termos para definir uma outra açorianidade. Dispositivo misterioso para o resultado? Conversa. Começou com a designação de embaixadores da demanda – um por cada ilha – e se estende em gestos como a revista online 9 Bairros. Vai cumprindo o bom objectivo de aproximar os açorianos, de ser um projecto-piloto, um veículo experimental, que, mais do que um palco, é uma assembleia informal de participação. Os colaboradores entendem isso e estendem sobre a mesa o que são, o que sabem fazer, a forma como entendem a cultura. Entre as últimas entradas, estão uma conversa entre Mário Roberto e Jorge Paulus Bruno, director do Museu de Angra do Heroísmo, um roteiro afectivo de Ponta Delgada, desenhado por Rachel Korman, coordenadora da mostra de videoarte dos Açores FUSO INSULAR, e uma crónica de Leonardo Sousa, que deixa um tópico para a candidatura Azores 2027: “As linguagens artísticas aproximam as pessoas. Activam consciências, razões, discórdias, novas dúvidas. Cabe-lhes um papel central na democratização da cultura”.

Como dizia Jacques Brel, artista belga que passou pelos Açores de iate no ano de 1974, “é preciso ir ver”. Podemos acrescentar: “É preciso ir falar”. A equipa do Azores 2027, da qual faço parte, lembro, seguiu pelo arquipélago, de mochila às costas e bloco na mão, para ir falar com gente de todas as ilhas açorianas, de diferentes áreas, em sessões públicas. Sobre tudo ouvir para perceber quais os anseios de cada um e enriquecer o dossier que iremos entregar em Novembro ao júri, com o objectivo de passarmos à segunda fase. As idas às escolas representaram formas de, em modo lúdico, desmistificar palavras como “cultura”. E de convidar as crianças a desenhar sonhos para os seus Açores. Circulando no arquipélago, visitando todas as ilhas, sente-se uma unidade. Não é uma utopia. É uma caminhada, sentida, pelo cascalho de um chão comum.

Têm havido mais formas de convocar. O Arquipélago de Conversas, outro gesto promovido, é um conjunto de conversas realizadas com actores de diferentes áreas artísticas e culturais à volta de temas relevantes para a candidatura. As outras ilhas e arquipélagos da Europa que receberam o título de Capital Europeia da Cultura. A criação de novos públicos. A “descoberta” do que há de europeu nos açorianos e no arquipélago – a partir do livro de Natália Correia “Descobri Que Era Europeia”. O turismo de cultura nos Açores. Eis alguns dos temas abordados. Ontem, Dia Mundial da Conservação da Natureza, foi o momento de inauguração deste Arquipélago de Conversas, com uma conversa inspirada pelo seguinte tema: “Sustentabilidade é Responsabilidade?” Porque há que problematizar os lugares comuns. Sustentabilidade é, reconhecemos, uma das palavras mais repetidas no discurso público. Mas, afinal, o que quer dizer a palavra sustentabilidade? Será que sabemos o seu real significado e entendemos a sua importância para a vida de todos nós? Que passo é preciso dar para ir da sustentabilidade à responsabilidade – pessoal e de grupo?

Iniciativa que convém sublinhar – até porque o prazo para concorrer termina no fim deste mês. Uma das missões do Azores 2027 é a de incentivar a concretização de ideias inspiradoras para as comunidades locais. “Mão em Mão”, projecto-piloto, feito em parceria com a CRESAÇOR – Cooperativa Regional de Economia Solidária, tem o propósito de desafiar pessoas, grupos informais e associações de várias áreas a apresentarem pequenas propostas culturais, sociais e educativas. As propostas, depois analisadas, de forma a se definir quem receberá uma verba para concretizar ou semear o seu projecto, devem promover linhas estratégicas como a cooperação e a colaboração entre ilhas e concelhos, a aproximação entre diferentes gerações, a relação da cultura com o bem-estar. E novas formas de contar as narrativas dos Açores ao país, à Europa e ao mundo. Açorianidade em novos termos, sim.

Já foi lançado e ainda está a ser burilado, com o contributo de todos – do Conselho Consultivo à Comissão de Honra. E, também, de todos os que nos mandam ideias e sugestões (há uma forma de o fazer pelo site). O lema do Azores 2027 junta Natureza e homem. Continuamos a perseguir respostas para estas perguntas: de que forma se cruzam num arquipélago marcado pela geografia e pela História? De que maneira as diferentes manifestações de cultura, entre o património e a experiência, se conjugam com a paisagem que as acolhe? De que modo a potência das trocas, permutas, conversas e intercâmbios entre as ilhas fazem crescer e criam possibilidades? Questões para tentar perceber a meteorologia do presente e espreitar o boletim do futuro. Que é um propósito decisivo desta candidatura.